

A dimensão socioafetiva em ambiente virtual de aprendizagem nos tempos de Covid-19

CASTANHO, Maria Eugênia¹
SOARES, Warlen Fernandes²

*“Por que meu verso não se enche de força nova?
Por que não varia? Por que se esquia de mudar?
Por que, passando o tempo, não se renova meu olhar,
Com novos métodos e novas alianças?*

*Por que ainda escrevo aquilo, o mesmo de sempre,
E escondo a invenção no uniforme sempre igual,
De sorte que cada palavra repete o meu nome
E mostra onde nasceu e de onde se origina?”*

SHAKESPEARE, Soneto 76.

Resumo: As profundas modificações no campo sócio-político-econômico vêm trazendo à educação grandes exigências. As plataformas digitais ocupam o lugar da sala de aula (ou o não lugar) e suscitam o debate coletivo acerca dos princípios básicos de garantia de acesso de todos. Novas formas de ensinar e aprender estão sendo apresentadas e este feito exige novas maneiras de refletir o currículo, as relações interpessoais e a postura de não neutralidade docente. O advento da tecnologia, embora apresente propostas mitigadoras para o ensino, pode não representar melhoria na qualidade do trabalho pedagógico. A busca pela qualidade no ensino remoto é forte preocupação presente em todos os níveis de ensino e passa pela questão da manutenção de vínculos socioafetivos com os alunos. A proposta corrente de um fazer pedagógico enlaçando a formação de crianças, jovens e adultos com temáticas abarcando saberes que vinculem teoria e prática demonstra que o caminho ainda é longo nos ambientes virtuais de aprendizagem, pois ainda não está definido como inserir neste contexto os grupos sociais excluídos dos meios digitais.

¹ Doutora em educação pela Unicamp e membro fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas.

² Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia (PUCCAMPNAs) e em Educação Especial (UNISAL), Mestre em Educação (PUCCAMPINAS) e professora na rede municipal de ensino de Campinas.

Palavras chave: Ambiente Virtual de aprendizagem (AVA). Aprendizagem Significativa. Afetividade.

Abstract: the profound changes in the socio-political-economic field have brought great demands to education. Digital platforms take the place of the classroom (or the no-place) and raise the collective debate about the basic principles of ensuring access for all. New ways of teaching and learning are being presented and this achievement requires new ways of reflecting the curriculum, interpersonal relationships and the posture of teacher's non-neutrality. The advent of technology, although presenting mitigating proposals for teaching, may not represent an improvement in pedagogical task's quality. The search for quality in remote education is a strong concern present at all levels of education and permeates the issue of maintaining socio-affective bonds with students. The current proposal of a pedagogical practice that links the formation of children, young people and adults with themes that encompass knowledge linking theory and practice demonstrates that the path is still long in virtual learning environments, because it is not yet defined how to insert in this context the social groups excluded from digital media.

Keywords: Virtual learning environment (AVA). Meaningful Learning. Affection.

1. Um convite ao novo

O isolamento social, recomendado pela Organização Mundial de Saúde para conter a Pandemia do COVID-19, foi acatado por diversos estados e municípios brasileiros e também internacionalmente. Foi necessário e urgente pensar a continuidade do processo educacional dos alunos de todos os níveis de ensino, no sentido da interação, da autonomia e do fortalecimento de vínculos. Foi necessário pensar em uma forma de educar que aproximasse os alunos da escola, ou no mínimo de alguns conceitos escolares. As plataformas de ensino remoto já existentes, destacam-se no pódio da educação. Criou-se o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) entendido como uma sala de aula virtual acessada via web.

Um dos debates mais relevantes no atual momento educacional diz respeito à manutenção de vínculos afetivos com os alunos e suas famílias através destas plataformas. Em favor de não tornar massivo um ensino desconectado da realidade, estabelece-se uma nova forma de pensar e de fazer educação. Mas nada, absolutamente nada que seja realizado em ambiente virtual, irá substituir o relacionamento presencial do *lôcus* escolar.

Paradoxalmente, o ensino *on line*, que vem ganhando cada vez mais adeptos nos cursos de graduação e pós-graduação, recebe resistência ao chegar à educação básica, resistência *ao modus operandi*. Um destes entraves diz respeito a uma grande parcela da população sem acesso aos meios digitais.

A escola atende às necessidades de um determinado momento histórico, dotado de pluralidades. Não é apenas a sociedade que muda, a instituição escolar também se modifica, transforma-se, transmuta-se, adapta-se. Não está sendo diferente neste momento de enfrentamento, e nesta temática necessário se fez e se

faz pensar em novas metodologias de ensino. Um ensino tecnicista e tradicional dentro do ciberespaço não deve ocorrer. Caminhamos, não só para uma mudança na estrutura da sala de aula convencional, mas também para uma mudança de comportamento docente. Sobre isto, propostas do órgão regulador da educação – o ministério da educação - são aguardadas. Enquanto esperamos, pareceres orientadores intentam direcionar ações e resultados. Os gastos não provisionados com aquisição de equipamentos e compras de pacotes que estruturam o trabalho docente deverão chegar de alguma forma a todos nós.

O Ensino Remoto Emergencial tem sido adotado pelas Secretarias de Educação dos vários Estados brasileiros no intuito de tornar produtivo o tempo do aluno em sua residência, mas será preciso atenção à qualidade deste tipo ensino para que os prejuízos em todos os seus níveis não se tornem irreversíveis. Muitas são as críticas sobre o caráter mercadológico de determinadas experiências do Ensino à Distância, forma que não representa em sua totalidade o que estamos vivendo com a experiência do Ensino Remoto.

No Parecer CNE/CP nº 005 datado de 28 de abril de 2020, tratou-se da reorganização do calendário escolar e da possibilidade do cômputo das horas das aulas não presenciais para cumprimento de carga horária mínima anual, equivalente a 800 horas aulas. Trata-se então de um árido trabalho que a nosso ver, deve partir de uma avaliação diagnóstica inicial para o cumprimento das aulas e reposições.

Este novo momento nos convida à renovação, à procura de novas linguagens, novas ideias, novas formas de relacionamento. A rede mundial de computadores, a internet, apresenta-se como proposta emergencial para nos ajudar a lidar e superar as adversidades (até que ponto?). Não tivemos tempo para nos declarar como opositores, não tivemos tempo de refletir profundamente sobre as consequências a longo prazo, pois urgia pensarmos no menos danoso para os estudantes. Contudo, não estamos acríticos. Estamos realizando formação em curso sobre um tema não tão recente, porém de abrangência ímpar. O tempo pedagógico continua correndo e os professores tentam acompanhá-lo, não sabemos se o alcançaremos.

Inquieta-nos pensar sobre um número expressivo de alunos que, desprovidos de tecnologia digital, ficam à margem do sistema. Cumpre-nos denunciar que muitos alunos possuem condições precárias de moradia e há localidade onde a internet não chega, assim, a internet é algo distante da realidade de grande parcela da população. Materiais pedagógicos impressos, tais como roteiros, sequências didáticas, almanaques, cadernos de atividades, dentre outros, visam materializar as atividades dos ambientes virtuais, sem com isto garantir a igualdade e oportunidade para o desempenho qualitativo das propostas de ensino remoto.

De repente, alunos, famílias, professores, gestores e políticas educacionais viram as estruturas, antes tão conhecidas, distantes. As nossas aulas não ocorriam mais entre muros, a voz do professor deu lugar a toques digitais. Turbulentas e intensas transformações emergiram para que a relação educador-educando mantivesse um fio condutor, um vínculo.

Ademais, consideremos que as crianças e jovens com deficiência, merecem uma outra proposta de inserção digna a este processo, muitas vezes individualizada. É imperativo pensar sobre este fator visto que não se trata de um favor a ser prestado a esta população, mas a busca por um tipo de tecnologia que verdadeiramente os assista com equidade.

Os números alarmantes de excluídos digitais são postos e escancaram a desigualdade. A UNESCO informa que três em cada quatro alunos a nível mundial estão em casa, sem aulas presenciais, após o surto do Covid-19 ter alterado a forma como vivemos, com reflexo na saúde, na economia e na educação. A Organização das Nações Unidas revela que cerca de 1,4 bilhão de alunos entre o ensino básico e o ensino superior em todo o mundo, ficaram impedidos de frequentar a sua escola ou universidade e o número deverá mesmo aumentar. Este fato nos faz indagar: aula remota é para quem pode ou para quem quer? Onde estão as políticas públicas para estes cidadãos de todas as idades quando se refere à inclusão digital? Como humanizar através das tecnologias? São perguntas como estas que nos inquietam e nos levam a estudar a temática tão incisiva aos nossos dias.

Entender os processos afetivos na relação pedagógica, nos coloca diante da possibilidade de estimular o pensamento sobre a formação integral do sujeito. A afetividade exerce grande influência na percepção, na memória, no pensamento, na vontade e na ação, fatores responsáveis que motivam e interferem no processo ensino-aprendizagem, seja remotamente, seja no presencial (CASTANHO, 2019). Como pensar em vínculo dissociado de equidade? Ao buscarmos o significado desta palavra, encontramos “aquilo que ata, liga, vincula (duas ou mais coisas)”.

Uma grande questão a ser respondida é, em síntese, a seguinte: quais fatores interferem na construção e na qualidade dos vínculos afetivos? Necessário se faz unir tecnologia e afetividade para nos mantermos ligados aos nossos alunos. Criar laços que perdurem durante e para além do período de isolamento social. Não há garantias de como as ações são recebidas do outro lado da telinha, quando há telinha. Certamente muitos estudos serão necessários, para a compreensão dos hiatos deste processo educacional para que possamos futuramente avaliar este momento. Necessário se faz pensar na retomada do ensino e em todas as suas vertentes.

Falar do tempo é algo quase poético. O tempo entre professor e aluno é algo único. Nenhum outro profissional lida com o ser humano da forma como faz o professor. Este cotidiano envolve afetividade, percepções, formação, enfim. É imperativo entender que 800 horas-aulas suscitam cuidados, conversas, olhares e acolhimento.

O vínculo afetivo ao qual nos referimos é importante e significativo, principalmente em se tratando da educação básica. Mas procuremos não fazer recortes visto que todas as esferas do ensino estão diante desta situação emblemática. De forma geral, estabelecemos vínculos com aqueles que estão de alguma maneira próximos. Estudos denotam que a *afetividade* é tão importante para a saúde men-

tal, quanto as vitaminas e nutrientes para a saúde física (OLIVEIRA & COLLET, 1999). O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) deve se constituir de ações que processem e provoquem a interação social e a afetividade e que superem a frieza dos computadores, tablets, celulares, Ipods, e mais geringonças.

Buscar a promoção de vínculos afetivos nestes ambientes requer novas estratégias de aprendizagem, muita disciplina por parte de professores e alunos e trocas constantes para que o diálogo entre as partes seja profícuo. Estas estratégias passam pelo viés do método ativo, que coloca o aluno como protagonista, junto ao professor, do processo de ensino-aprendizagem, uso de ferramentas síncronas e assíncronas que possam tornar as relações no AVA produtivas e afetivas, mediadas por vínculos diários que devem promover a comunicação, na maioria das vezes por meio de textos escritos. Trabalhar com a possibilidade de manutenção de vínculos já criados de forma presencial.

Segundo Silva:

O termo Acesso Remoto trata da junção de duas palavras que quando se entende o significado de cada uma delas, separadamente, logo se percebe do que se trata. Acesso, segundo o dicionário, significa chegada, aproximação, entrada; e remoto, por sua vez, significa muito distante, longínquo. Pode-se definir, então, que acesso remoto é uma técnica de aproximação ao que se encontra muito distante, em um lugar longínquo (SILVA, 2020, p.02).

2. Nas entrelinhas: conversa com os teóricos

Ao abordarmos a questão dos vínculos afetivos no ensino, estamos nos reportando a uma proposta interacionista de educação que tem como foco a escola, como ponto marcante de interação. Em um espaço onde a aprendizagem privilegia os aspectos cognitivos torna-se importante refletir, nesse espaço sobre o sentir.

Duarte Jr. (2004), apregoa que a adequação de uma linguagem que denote afetividade, compromisso e entusiasmo urge ser desenvolvida, visto que será quase que só pela linguagem que essa interação ocorrerá, seja por podcasts, vídeo aulas e postagens nas plataformas de ensino, seja por grupos de *whatsapp*, dentre outras.

O vínculo entre aluno e professor é um forte aliado para que, em específico, a criança sinta-se confiante e aprenda melhor. Snyders, em seu livro “Alunos Felizes (1993), nos coloca frente a um dilema muito pertinente neste momento: preparar para o futuro e assegurar as alegrias presentes. As raízes históricas deste processo, obviamente, deram-se em caráter presencial. A alegria à qual o autor se refere tem relação com a cultura elevada, com os conhecimentos relevantes para a humanidade, as produções históricas em suas diversas vertentes.

Se tais aspectos, em aulas presenciais precisam de um olhar sensível, questionamos como tal ocorre diante do ensino não presencial, visto que o trabalho em educação visa desenvolver nos alunos aspectos integrais de sua personalidade.

Em linhas gerais, esclarecemos o que é “vínculo”, agora, necessário se faz encontrar o sentido do termo “afeto” no ciberespaço com intenção pedagógica.

Para isso recorremos à palavra sensível e necessária do educador Paulo Freire (1999) propondo prática progressista contrária a qualquer discriminação e defendendo o diálogo das várias opiniões: ao invés de se adaptar, a pessoa se insere na realidade criativa e criticamente, numa pedagogia fundada na liberdade e dignidade. Com isto, otimizar os ambientes virtuais de aprendizagem faz parte do processo de construir com o aluno um sentimento de pertencimento e de superação das dificuldades do momento, mesmo que sutilmente, evitando assim a tão temida evasão. Ser um professor progressista e refletir tal momento à luz dos dias atuais é provocante. Não só o trabalho com os alunos se torna desafiador, mas também as trocas entre os pares, a tão necessária proposta coletiva de trabalho docente. Vivemos na pele a urgência da inovação tecnológica no ensino sem estarmos preparados tecnicamente para isto.

Sim, precisamos falar sobre isto. Técnica na educação não é sinônimo de tecnicismo. Veiga (2011) fundamenta numa perspectiva sociointeracionista que o indivíduo constrói seus saberes e a afetividade na interação com os outros sujeitos. Dialética e didaticamente esta dinâmica nos conduz a ações planejadas e intencionalmente propostas.

Gadotti (1992) nos convida a pensar em uma escola cidadã. E em linhas gerais defende que educar significa capacitar o aluno para que ele seja capaz de buscar respostas e novas formas de ler o mundo. Estaria o ensino remoto, nestes últimos meses, cumprindo este papel? Se tal leitura de mundo acontece de forma mediada, como tais mediações se concretizam?

Saunders (1977, p. 69) aconselha aulas que apresentem problemas de pessoas e coisas, emoções e situações, representações espaciais, soluções que conduzam os alunos a passar de um estágio para outro. As palavras do autor refletem a importância das interações que, na modalidade remota, são eliminadas.

Almeida (2019), doutor na área de história da arte, relata um momento ocorrido em sala de aula universitária que aponta para a necessidade de se estar atento à formação da afetividade daqueles a quem temos o privilégio de lecionar. Seria possível este tipo de observação em ambientes virtuais? O professor, em muitos cursos chamado de tutor, não tem a possibilidade de perceber os gestos, as expressões, a totalidade de seus interlocutores. Ainda mais, como cultivar estes aspectos nos anos iniciais da escolarização sem estarmos de corpo presente?

Piaget (LA TAILLE, 1992) fundamenta que o desenvolvimento intelectual possui o componente afetivo e o componente cognitivo e que estes não funcionam de forma isolada. Assim, a educação em seu aspecto mais amplo, percebe o aluno de forma integral. Dentro de uma perspectiva histórico-cultural Vigotsky (1996, p.281), define a relação da criança com o mundo como ‘estados sensitivos emocionais ou estados de sensações marcadas emocionalmente e será no processo de mediação com o mundo que o psiquismo superior será elaborado.

Santos (2000, p. 02), faz importantes afirmações sobre o processo de exclusão realçado pela pandemia ao expor que os objetivos da crise são: ‘legitimar

a escandalosa concentração de riqueza e boicotar medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica”.

Visamos romper com o entendimento de afeto oriundo do senso comum. Para tanto, buscamos em Gomes e Mello o conceito por nós estudado:

Afeto diz respeito àquilo que afeta, ao que mobiliza por isso reporta à sensibilidade, às sensações. Podemos, ainda, referir afeto como ser tomado por atravessado, perpassado, quer dizer: afetado. Esse atravessar, perpassar é o que propriamente dá o caráter à afeição”. (2010, p. 684)

Pensar a Educação, replanejar, lidar com novas tecnologias, atribuir significado para um novo modo de aprender e ensinar em tão pouco tempo vem sendo tarefa que exige muito de todos. Para entendermos a proposta, temos que definir o tipo de aprendizagem de que estamos falando. Certamente, o ensino no Ambiente Virtual, destoa de um modelo tradicional de ensino.

Nesse sentido e embora muito se escreveu contra o papel de passividade do estudante no processo de aprendizagem e de ser considerado sujeito irrelevante na elaboração e aquisição de conhecimento, o que se evidencia hoje é a importância de considerar a cultura do aluno e sua experiência de vida, valorizando o seu meio e criando maneiras para nele intervir.

3. Considerações (sempre provisórias)

Diante de todo o cenário de novos comportamentos e hábitos que a pandemia traz, não podemos desconsiderar que somos seres sociais e que o desenvolvimento pleno deve ser refletido e praticado no contexto do ensino remoto.

O estudante não pode e não deve se sentir sozinho neste momento. Assim, a interface com o ambiente virtual de aprendizagem deve ser instigadora, com palavras de incentivo, apoio e respeito às limitações, valorizando atitudes de cuidado e afeto em meio a tantas incertezas.

Tais ferramentas chamam a uma nova responsabilidade que provoquem o estudante a sentir-se apto para seu desenvolvimento em sociedade. Esta nova frente de trabalho deve propor ações conjuntas considerando as tecnologias para um dado momento, sem perdas nas ações que colocam o aluno como protagonista do processo, mediado pelo professor e que este não se curve ao aspecto de mero tutor.

Dizemos isto porque as necessidades dos alunos exigem formação profissional consistente. A formação do magistério precisa ser de comprovada competência. Sem isso os participantes da vida escolar continuarão sendo constrangidos por planos educacionais que só têm dificultado o encontro da escola com seu objetivo de socializar o saber que lhe cabe transmitir. Castanho e Soares (2005, p.21) lembram que “nossas próprias verdades começam a ser questionadas em nosso aprender fazendo”.

O ensino emergencial não deve desmotivar o professor. Mas é importante que ele esteja atento aos aspectos mercadológicos e aos desdobramentos que virão.

A aprendizagem ocorre como um processo concreto e mesmo remotamente deve valorizar as vivências e práticas sociais, refletindo a realidade para nela intervir.

Referências:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO SUPERIOR (ABMES). MEC homologa Parecer do CNE sobre reorganização do calendário e cômputo de atividades não presenciais. Acesso em 07 de junho de 2020.

ALMEIDA, Eduardo. Pedagogia da autonomia. **Correio Popular**, 07 de março de 2019, p. A17. Campinas, SP.

CASTANHO, Maria Eugênia; SOARES, Warlen Fernandes. Reflexões sobre o Currículo: tentativas de rupturas com os eixos do paradigma tradicional. In: **Cadernos Camilliani**. v.6, n. 1, 2005.

CASTANHO, Maria Eugênia L. M. Relações interpessoais: quando o estudante é mais que aluno, é pessoa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**. UNIRAXÁ, Araxá, MG, v.15 n.16, 2019.

DUARTE Jr. Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã** - uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo: Cortez, 1992

Gomes, C. A V. & Mello, S. A (2010). Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da Psicologia histórico-cultural. **Perspectiva**, 28 (2), 677-694.

LA TAILLE, Yves de et al. Piaget, Vygotski, Wallon. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus editorial, 1992.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves de, & Collet, Neusa. (1999). Criança hospitalizada: percepção das mães sobre o vínculo afetivo criança-família. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 7(5), 95-102. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11691999000500012&script=sci_abstract&tlng=eses Acesso em: 19 jun. 2020.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coleção Pandemia Capital. 1.ed., São Paulo: Boitempo, 2020.

SAUNDERS, Robert J. **Relating Art and Humanities to the Classroom**, Dubuque, Iowa: Mcb, Wm. C. Brown Company Publishers, 1997

SILVA, Daniel (et al). Aplicação da tecnologia de acesso remoto no ensino à distância. In: **AEDB/BR/seget/arquivos**, Resende RJ. Acessado em 06 de jun de 2020.

Evidência, Araxá, v. 16, n. 17, p. 15-23, 2020

SNYDERS, George. **Alunos Felizes**: Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. São Paulo: Paz e Terra 4. d., 1993.

VEIGA, Ilma Passos A. **Didática**: o ensino e suas relações. Campinas, SP Papirus, 1996; 18 ed, 2011.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. IV. Madri: Visor, 1996.

CV: <http://lattes.cnpq.br/3883562938853685>

CV: <http://lattes.cnpq.br/5547421730712727>